

# COMUNICAÇÃO MUDIÁTICA.

ISSN: 2236-8000

v.18, n.2, p. 110-128, jul.-dez. 2023

## A “narrativa do novo exílio” no Brasil de Bolsonaro: memórias e táticas de uma vivência em rede

*La “narrativa del nuevo exilio” en el Brasil de Bolsonaro: memorias y tácticas de una experiencia en red*

*The “narrative of the new exile” in Bolsonaro’s Brazil: memories and tactics of a networked experience*

**Carolina Cavalcanti FALCÃO**

Professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE),  
doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

E-mail: carolina.falcao@ufrpe.br

*Enviado em: 26 jan. 2024*

*Aceito em: 21 mar. 2024*

## RESUMO

Nesse trabalho apresento e discuto a “narrativa do novo exílio” a partir de uma análise das formas de (re)produção simbólica do expatriamento no caso de quatro brasileiros que representam, como apontou o jornal inglês The Guardian, “uma nova geração de exilados políticos no Brasil”. É importante ressaltar que os quatro personagens se tornaram conhecidos principalmente pela agenda política que apresentaram durante o período da campanha eleitoral de 2018 e, com a saída do país após o agravamento das situações de perseguição, passaram a usar seus espaços virtuais como formas de vinculação com a cena política nacional. A análise da “narrativa do novo exílio” também assume novos sentidos que reatualizam a memória do exílio durante a ditadura militar, constituindo-se como espaço de enunciação da justificativa (explicação do exílio) e da reivindicação de legitimidade.

**Palavras-chave:** exílio; narrativas; redes digitais; Brasil.

## RESUMEN

En este trabajo presento y discuto la “narrativa del nuevo exilio” a partir de un análisis de las formas de (re)producción simbólica de expatriación en el caso de cuatro brasileños que representan, como señaló el diario inglés The Guardian, “una nueva generación de exiliados políticos en Brasil”. Es importante resaltar que los cuatro personajes se dieron a conocer principalmente por la agenda política que presentaron durante el periodo de campaña electoral de 2018 y, al salir del país tras el agravamiento de las situaciones de persecución, comenzaron a utilizar sus espacios virtuales como formas de conexión con la comunidad. escenario político nacional. El análisis de la “narrativa del nuevo exilio” adquiere también nuevos significados que reactualizan la memoria del exilio durante la dictadura militar, constituyendo un espacio de enunciación de la justificación (explicación del exilio) y el reclamo de legitimidad.

**Palabras-clave:** exilio; narrativas; redes digitales; Brasil.

## ABSTRACT

In this work I present and discuss the “narrative of the new exile” based on an analysis of the forms of symbolic (re)production of expatriation in the case of four Brazilians who represent, as the English newspaper The Guardian pointed out, “a new generation of political exiles in Brazil”. It is important to highlight that the four characters became known mainly for the political agenda they presented during the 2018 electoral campaign period and, upon leaving the country after the worsening of persecution situations, they began to use their virtual spaces as forms of connection with the national political scene. The analysis of the “narrative of the new exile” also takes on new meanings that re-update the memory of exile during the military dictatorship, constituting a space for enunciating the justification (explanation of exile) and the claim to legitimacy.

**Keywords:** exile; narratives; digital networks; Brazil.

## Introdução

Em sua postagem de estreia no Instagram, em 30 de novembro de 2019, a professora brasileira da Universidade de Brasília (UnB) Débora Diniz se propõe a ser uma “professora sem sala de aula”, para definir a experiência de exílio que começara a experimentar em meados de 2018, quando teve que se licenciar da universidade e deixar o Brasil. Débora, que é antropóloga com vasta produção nos estudos sobre direitos reprodutivos no país, tornou-se alvo de campanhas difamatórias e de ameaças violentas (que se estenderam a familiares e colegas de seu Departamento) devido ao seu posicionamento sobre interrupção voluntária da gravidez em audiência promovida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) (ROSSI, 2019). A história e justificativa de sua saída foram, à época, contadas por portais de notícias, que trataram o fato como um caso de perseguição (Lisboa, 2020).

Débora Diniz integra um grupo que, numa reportagem de julho de 2019, o jornalista inglês Dom Phillips chamou de “nova geração de exilados políticos no Brasil” (PHILIPS, 2019). Fazem parte dessa “nova geração” apresentada por Phillips no *The Guardian*, o ex-deputado federal Jean Wyllys, que renunciou ao seu terceiro mandato em janeiro de 2019 após a intensificação de ameaças morte a ele e sua família; a filósofa e intelectual pública Márcia Tiburi, que concorreu ao posto de governadora do Rio de Janeiro também em 2018, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e Anderson França, ativista político e escritor, reconhecido pela sua atuação nas favelas e subúrbios cariocas. Atualmente, Márcia e Jean estão de volta ao Brasil, enquanto Débora Diniz segue nos Estados Unidos e Anderson França recebeu exílio oficial na França.

À época, as quatro personagens ressaltaram a situação de perseguição e clima de ameaças que se agravaram com a eleição de Jair Bolsonaro, em outubro de 2018. Além das práticas persecutórias no então contexto de pós-eleições, e dos relatos de ameaças de morte e de confrontos físicos nos espaços de seus trabalhos, Phillips (2019) destaca também o linchamento virtual resultante da disseminação de Fake News contra os quatro brasileiros.

Figura 1 - Postagem do Instagram



Fonte: arquivo pessoal

A partir da leitura da matéria, duas questões motivam uma reflexão exploratória sobre o assunto. A primeira é a própria ideia de “novo” atribuída ao fenômeno. Assumir que existe uma nova geração de exilados brasileiros em curso implica, no mínimo, que existem sentidos diferentes em circulação em relação a uma experiência prévia de exílio. A segunda questão indaga como essa nova forma de exílio se reproduz simbolicamente nas redes sociais digitais dos personagens elencados, levando em conta as múltiplas espacialidades e temporalidades que entram em cena quando se pensa em mediações digitais. Assim, esse trabalho tem por objetivo compreender que novos/outras sentidos estão implicados nessa forma de exílio e como eles se constituem discursivamente nas narrativas das quatro figuras identificadas pelo jornal inglês. Minha proposta é apresentar e explorar o que chamo de “narrativa do novo exílio” como forma de compreensão desse deslocamento forçado, fenômeno intimamente ligado ao avanço da direita radical no país a partir de 2019 com o início do governo Bolsonaro.

Para isso, proponho um corpus geral de análise que se constitui na afirmação da diversidade contextual com que a experiência do exílio se apresenta e tomo como ponto de referência o ano de 2019, primeiro ano dessa nova geração de exilados brasileiros pelo mundo, segundo o *The Guardian*. O volume de material coletado nas redes sociais (Instagram e Youtube) dos quatro personagens apresenta uma variedade de temáticas, que se estendem de maneira heterogênea contemplando não apenas a conotação política que a

posição de exilado denota, como também formulações de âmbito pessoal, divagações, divulgação profissional e registros do cotidiano. Entende-se que esse tipo de conteúdo se inscreve nas formas típicas com que a experiência da “expatriação em rede” se apresenta: um crescente fluxo migratório que se organiza em função da produção e compartilhamento de informações.

No entanto, o critério para seleção do conteúdo de análise se deu em função do esforço de elaboração de uma narrativa que apresentasse e explicasse as experiências de expatriamento das quatro personagens da matéria. Trata-se, é importante ressaltar, de quatro figuras distintas, cujas trajetórias convergem na contingência do desterro e na prática de compartilharem essa experiência com suas audiências. Assim, na primeira seção, parto de uma discussão sobre o exílio como tecnologia governamental típica das democracias da América Latina e o processo de transnacionalização a ele associado, sobretudo a partir do século XX. Trata-se de uma argumentação relevante para entender como a narrativa do novo exílio conjuga tanto uma historicidade quanto uma viabilidade técnica digital atrelada à webdiáspora, capaz de conjugar noções de tempo e espaço. Na segunda seção, discuto como a narrativa do novo exílio se organiza em torno de (1) uma justificativa, como forma de explicação para a saída, (2) uma demanda para permanecer ativo (a partir da atuação online) nas discussões sobre o país, numa forma de atuação conectiva e (3) uma reivindicação de legitimidade para a figura do exilado. A terceira seção, por fim, delimita a narrativa do novo exílio num duplo discursivo-tático, que demonstra como uma esfera pública digital está atravessada por diversas diásporas, constituídas por imagens e imaginações diversas.

## **1. Compreendendo o exílio: de mecanismo de governo à webdiáspora**

É importante situar o próprio conceito de exílio como tecnologia governamental firmemente estabelecida na história da América Latina como um todo. Como explicam Roniger e Sznajder (2008), o exílio se deu como um mecanismo institucionalizado de controle político por parte das elites locais, fazendo do deslocamento de figuras “incômodas” uma prática adotada na região desde o processo de independência. Mas é somente a partir da instalação de regimes ditatoriais no Cone Sul, a partir da década de 1960, que “o caráter forçado e massivo do exílio permitiu uma compreensão mais complexa, que levasse em consideração sua profundidade histórica, sua funcionalidade repressiva e sua diversidade contextual” (RONIGER, 2011, p.33).

Esse processo de institucionalização ampliou o alcance do exílio no subcontinente, fazendo com que não só os membros perseguidos das elites tradicionais (como políticos e intelectuais) fossem expulsos, mas também estudantes, operários e sindicalistas. Para o autor, essa grande massa de exilados constituída por uma diversidade de perfis demarca uma transformação do caráter punitivo do exílio, devido ao seu alcance transnacional. Isso porque “o elemento transnacional entra na equação do exílio como um fator de peso, os exilados políticos no exterior adquirem cada vez mais ressonância internacional e nacional à custa de âmbito delimitado pelas fronteiras nacionais” (RONIGER, 2011, p. 104). Ao mesmo tempo, é preciso considerar a heterogeneidade do exílio, um processo que se equilibra entre uma derrota política e outra, de cunho pessoal (ROLLEMBERG, 2007), o que coloca à prova a identidade dos sujeitos desterrados. Como explica Teresa Cristina Schneider Marques (2017) sobre as transformações dos repertórios de ação entre grupos de exilados, ao serem obrigados a deixarem o país, o emprego, a profissão e mesmo suas famílias, a identidade militante é a única coisa que os exilados podem levar consigo (p. 247), o que marca de maneira singular a atuação desses sujeitos no exterior.

Assim, é preciso levar em consideração como as plataformas de comunicação em rede se tornam espaços de construção e circulação de imaginários e de agendas pautadas pela reivindicação de cidadania em exílio. Para Denise Cogo (2010) essas práticas, quando pensadas a partir das experiências de sujeitos exilados, favorecem processos micropolíticos, que se situam fora do escopo do Estado-Nação, de empoderamento dos sujeitos, na medida em que propiciam modos de apropriação e gestão comunicacionais, caracterizados por serem difusos, descentralizados, efêmeros e multidimensionais (p. 83). É esse horizonte de práticas e sentidos sobre o deslocamento que a autora inscreve numa grande e heterogênea categoria chamada webdiáspora. Ela pode ser observada tanto no trabalho de composição daquilo que se refere à cultura e à identidade quanto às pautas políticas e sociais das pessoas em movimento de migração, forçada ou não. Assim, a webdiáspora vislumbra as formas como a Internet ordena as experiências e narrativas desses sujeitos em trânsito transnacional, assumindo, portanto, as dimensões tecnológicas e simbólicas da mídia na vida cotidiana, mesmo quando ela se encontra deslocada pelo exílio, como é o caso estudado. Nessa perspectiva, entendo que os sujeitos desse “novo exílio” se engajam, participam e demandam visibilidade em rede, o que requer uma compreensão de suas estratégias nos processos sociocomunicativos.

Há no escopo da webdiáspora a proposição de uma cidadania comunicativa transnacional, atribuída ao migrante em seus deslocamentos físicos, sociais, culturais, subjetivos e temporais. Sob essa perspectiva, o sujeito em exílio é levado a ressignificar as referências materiais e simbólicas que se apresentam num movimento de produzir narrativas e imagens sobre espaços e tempos diferentes: o lar deixado para trás e a nova casa, o passado violento que o empurrou para “fora”, o presente de difícil compreensão e as perspectivas de futuro, por exemplo. Equiparo esse movimento ao devir, tal qual Giles Deleuze e Claire Pernet (1998) propõem: não um fenômeno de imitação, de assimilação ou ajuste a um modelo, mas de dupla captura e evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos (p. 10).

Se na postagem de Débora Diniz fica evidente o não-lugar tanto do exílio quanto das redes digitais (uma professora sem sala de aula que encontra nas redes sociais um “lugar” para existir), a primeira postagem de Jean Wyllys como exilado (em 24 de janeiro de 2019) enfatiza o devir como característica do desterro. Ele explica, na legenda: “Preservar a vida ameaçada é também uma estratégia de luta por dias melhores. Fizemos muito pelo bem comum e faremos muito mais quando chegar o novo tempo, não importa que façamos por outros meios”.

Figura 2 – Postagem do Instagram



Fonte: arquivo pessoal

Espaço e tempo são, portanto, referências importantes no relato do novo exílio, cuja formulação é marcada, argumento, pela produção de uma atuação política a distância, propiciada/visibilizada pelos dispositivos de comunicação digital, num trabalho de reivindicação e validação desses sujeitos como analistas do país que foram obrigados a deixar. A sala de aula deslocada que Débora reivindica e a luta por um novo tempo de que fala Jean revelam uma espécie de prolongamento da atuação e do trabalho crítico que faziam no país, antes de saírem: ela como professora e militante ativa na causa de descriminalização do aborto e ele, um reconhecido político filiado a um partido de esquerda. Assim, é possível argumentar que a “narrativa do novo exílio” demonstra um uso das redes sociais digitais como espaços de enunciação do entrelugar e do devir do/no novo exílio.

## **2. Justificativa, demanda de atuação e reivindicação no novo exílio (ou: ninguém saiu do Brasil porque quis)**

No processo de acompanhamento dos quatro exilados brasileiros, pôde-se perceber que, durante o ano de 2019, houve uma intensa agenda em universidades do Norte Global e em participação de fóruns de debates e encontros com intelectuais europeus e estadunidenses. Essa dinâmica de circulação foi pautada pelo objetivo de “explicar ao mundo” o que estava acontecendo naquele Brasil de 2019, um trabalho que, tal qual Said (2003) explica, é de certa forma compensatório. Uma vez que a vida em exílio é marcada por uma perda desorientadora, assim:

Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientada, criando um novo mundo para governar. Não surpreende que tantos exilados sejam romancistas, jogadores de xadrez, ativistas políticos e intelectuais. Essas ocupações exigem um investimento mínimo em objetos e dão um grande valor à mobilidade e à peripécia (Said, 2003, p. 54).

No caso analisado, a “narrativa do novo exílio” se constitui em seu objetivo compensatório a partir de esforços de esclarecimento e reivindicação, uma vez que ela se propõe a, respectivamente, promover uma explicação para a saída dos exilados e apresentar uma demanda para que permaneçam ativos em relação ao Brasil. Um exemplo contundente de como essa narrativa vai se escrevendo surge a partir do evento Brazil Initiative, promovido pelo Watson Institute da Universidade de Brown (EUA), para falar sobre “Os desafios para a democracia brasileira”, em abril de 2019 (BRAZIL INITIATIVE, 2019). Segundo a organização do evento, a eleição de Bolsonaro marca uma significativa virada à direita no

país, iniciando uma série de retrocessos políticos econômicos e sociais. O foco da conferência foi compreender “a situação atual do Brasil e a resistência popular que desafia os esforços para minar a democracia, retirar os direitos sociais e reverter os progressos que ocorreram nos últimos 30 anos” (BRAZIL INITIATIVE, 2019). Fizeram parte da programação diversos ativistas brasileiros, entre eles Jean Wyllys, Débora Diniz e Márcia Tiburi. Além da divulgação institucional pela própria universidade estadunidense, o evento também pautou alguns meios de comunicação brasileiros. O programa, além de enfatizar a articulação de uma rede de exilados do governo Bolsonaro, trazia como foco central, conforme descrito na apresentação oficial do evento, três temáticas: (1) Afrodescendentes e Afrobrasileiras, (2) indígenas e (3) o contexto político que fortalecia o crescimento do populismo.

No entanto, é do encontro informal entre os três personagens, registrado de maneira amadora, que se pode acessar uma elaboração valiosa sobre as características desse novo exílio. A conversa entre os três, performada como uma entrevista, foi registrada por Márcia Tiburi e disponibilizada em seu canal no Youtube em 20 de abril de 2019. O vídeo de quase 12 minutos, em que os três brasileiros relatam as ameaças que sofreram e as medidas tomadas quando ainda moravam no país, podem ser pensados à luz do que Bennet e Segerberg (2012) chamam de ação conectiva, em detrimento de ação coletiva. Para os autores, a última está associada ao emprego de altos níveis de recursos organizacionais voltados à formação de identidades coletiva. Já a ação conectiva se baseia no “compartilhamento de conteúdo personalizado através das redes” (p. 739), orientada por um desejo de criar engajamento público mais amplo, utilizando mídias digitais e pautando temas facilmente personificáveis. Assim, nesse modo em rede que as ações conectivas postulam, “as demandas e insatisfações são compartilhadas em relatos pessoais que viajam rapidamente através das plataformas de redes sociais, listas de e-mails e outras plataformas on-line” (p. 742).

O vídeo se inicia com o recorte específico da situação de perseguição que os três exilados enfrentaram no Brasil à época. É Tiburi quem explica: “não estamos vivendo um exílio virtual, muito embora a guerra travada contra nós também seja virtual, é uma guerra híbrida” (Todo Tanto, 2019). É importante pontuar aqui como os três personagens do vídeo se tornaram alvo recorrente das Fake News que já naquela época abundavam o cenário político brasileiro, assim: “[ao sair] a gente protege não apenas a nossa vida física, mas a gente protege também a vida física, concreta, os corpos das pessoas que andam com a gente” (Todo Tanto, 2019), explica a filósofa.

Figura 3 – Screenshot da entrevista



**Fonte: arquivo pessoal**

Por outro lado, há uma elaboração sobre a experiência do exílio em articulação com as mídias digitais em que uma dimensão “nova” é delimitada. No mesmo vídeo, Jean Wyllys explica que a experiência do exílio aliada ao uso das novas tecnologias de comunicação possibilita um “estar no Brasil sem estar”, o que permite não só uma comunicação com seus amigos e familiares como também a possibilidade de fazer política mesmo “de longe”. Ele arremata: “Eu quero construir uma outra forma de participação nessa resistência, desde aqui, dessa trincheira” (Todo Tanto, 2019). As postulações de Tiburi e Wyllys demonstram como delimitações desse novo exílio se apropriam de uma lógica de ação conectiva quando são capazes de (1) se ampliarem em rede, (2) produzir mobilizações, (3) serem flexíveis estabelecerem pontos de articulação com outras questões políticas e (4) moldarem e adaptarem repertórios de protesto (ENNETT; SEGERBERG, 2012, p. 74). Já Débora Diniz acrescenta:

Eu faço um pedido a vocês, que aceitem a nossa participação por essa proximidade desse canal das mídias virtuais, que nesse momento está aberto, mas que não podemos comparar com o que foi o Brasil de 40 ou 50 anos atrás. Estamos em uma outra cena, em que eu quero estar presente na resistência política brasileira, não estando de corpo presente, porque a minha presença traz risco não só a mim, mas às pessoas que estão ao meu redor (Todo Tanto, 2019).

Em sua fala, Débora se refere ao período da ditadura militar no Brasil (1964-1985) e marca uma diferença significativa em relação ao exílio em sua configuração atual, a “outra cena” de que fala a professora é centralizada na mediação pelas mídias virtuais. É inevitável,

portanto, acionar a memória da ditadura militar brasileira à “narrativa do novo exílio”. Para muitas gerações, no entanto, o imaginário do exílio está fortemente associado ao da Anistia. É o que explica Sara Feijó (2012), em seu estudo sobre cinema e exílio no Brasil. Para a pesquisadora, as cenas do retorno de ex-militantes de esquerda, artistas, jornalistas, políticos, sindicalistas, ex-guerrilheiros e ex-estudantes ao som de “O bêbado e o equilibrista” cristalizou-se como uma espécie de desforra, dos que haviam sido forçados a deixar o país. A pesquisadora explica que havia uma lacuna significativa de imagens e relatos do que essas pessoas faziam durante o tempo em que estiveram afastadas, suas atividades cotidianas, suas dificuldades etc. Assim, a narrativa do exílio associado à perseguição do regime militar se constituiu, na maioria das vezes, a partir das imagens de retorno dos dissidentes políticos da época, sendo recebidos pelos familiares nos aeroportos, num clima de felicidade (p. 481).

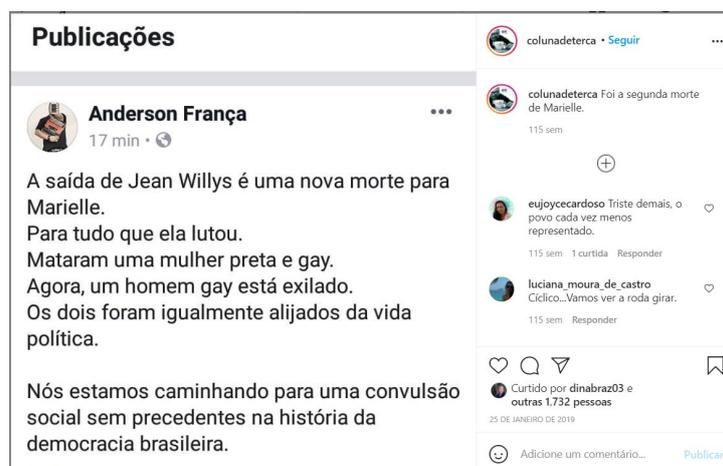
Como a autora aponta, essas cenas de reencontro não representam a experiência do exílio em sua complexidade e contradições, e sim o final de um longo processo, que culminaria com a derrocada dos militares e sua saída formal do poder. Certamente essa visão triunfante de retorno atende a muitos pactos sobre a forma como a memória da ditadura militar foi (e ainda é) gerida no Brasil. Como Selingmann-Silva (2014) explica, trata-se de um processo de privatização do trauma, produto das décadas de recalque do período da ditadura militar. Para ele, aconteceu no Brasil uma privatização do trauma, em que apenas familiares e pessoas próximas às vítimas e/ou exilados, além dos próprios sobreviventes, demonstram interesse pelo tema e investem na memória e na reconstrução de suas trajetórias (p. 30/31).

Se as condições em que as memórias sobre o exílio da ditadura militar são marcadas pela privatização, o mesmo não pode ser dito sobre as condições de produção deste “novo exílio”, inscrito num regime de visibilidade completamente diferente do que se observou “há 40 ou 50 anos atrás”, como lembrou Débora Diniz na entrevista analisada acima. É esse regime de visibilidade que chancela o forte investimento dos personagens na justificação do desterro, o argumento do “risco real”, da “ameaça concreta”. Há uma rede de produção de conteúdo que coloca em relação diversos atores do atual cenário, numa produção (e reprodução) constante de como se dá essa experiência da saída e de como se dá a compreensão sobre o Brasil num momento político sensível como o se observou a partir de 2019. No caso específico dos “novo exilados” chama atenção também a configuração que permite que eles possam “estar e não estar” no país, propondo uma cena de atuação política a distância, numa reivindicação que enfatiza a potência de desterritorialização das mídias

digitais e sua ação conectiva. Diferentemente dos relatos de pessoas que deixam o Brasil em busca de outras oportunidades, a narrativa do “novo exílio” busca a legitimação de um espaço de visibilidade, uma forma de estar atuante mesmo que a distância. Ao mesmo tempo, se difere do modelo até então assegurado pela memória (privada e privatizada) do exílio durante a ditadura.

A postagem no Instagram, em 25 de janeiro de 2019, de Anderson França, reforça como a “narrativa do novo exílio” convoca a possibilidade de várias formulações sobre o desterro. Nesse texto, o ativista equipara a saída de Jean Wyllys do Brasil como uma “nova morte para Marielle”, uma vez que, segundo o autor da postagem, “Os dois foram igualmente alijados da vida política”. A comparação do exílio de Jean com a morte de Marielle Franco, vereadora carioca assassinada por grupos milicianos do Rio de Janeiro, é um potente demarcador da diferença que a narrativa desse “novo exílio” propõe. Isso porque situa a ameaça, perseguição e violência fora do contexto de uma ditadura militar e as inscreve na própria experiência democrática contemporânea no país. A referência ao caso, por si só, carrega um potencial a ser levado em consideração, uma vez que os atuais desdobramentos de investigação do assassinato de Marielle Franco evidenciam uma forte conexão entre os executores do crime e pessoas do ciclo mais próximo de Bolsonaro (Uzêda; Costa; Castro; 2024). Além disso, é importante pontuar que Marielle Franco pertenceu ao mesmo quadro político de Jean Wyllys, integrando o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), do Rio de Janeiro.

Figura 4 – Post no Instagram



Fonte: arquivo pessoal

É também de 25 de janeiro de 2019 uma segunda postagem de Anderson França repercutindo matéria publicada no canal de comunicação VICE (Declercq, 2019), que apresentava Jean Wyllys como o primeiro exilado brasileiro da era Bolsonaro. O ativista contesta: “Jean é o primeiro POLÍTICO exilado”. Há, no texto de França, uma reinvidicação de reconhecimento e de escuta de outras experiências de exílio em curso: “[...] outras pessoas, que talvez não tem a poderosa relevância de Jean mas igualmente ameaçadas e que saíram, deveriam ser ouvidas”. Ao afirmar que outras pessoas precisam ser ouvidas sobre suas “saídas”, o texto sugere que na “narrativa do novo exílio” se inscreve uma diversidade de experiências de desterro, uma vez que, como explica o autor: “A vida fora, no exílio, não está fácil, com países que não concedem asilo e imprensa que não tem levado a sério o discurso de outros exilados”.

**Figura 5 – Post no Instagram**



**Fonte: arquivo pessoal**

É importante ressaltar como a própria constituição da experiência do exílio se dá no trabalho de sua discursivização, num processo de mediação que também precisa levar em conta os dispositivos de comunicação envolvidos na criação do espaço de enunciação. Uma vez que o exílio compreendido no corpus analisado no trabalho se inscreve na lógica da webdiáspora, percebe-se como essa organização estabelece comunidades transnacionais a partir, principalmente, do efeito de aproximação e troca em função dessa mediação por dispositivos de comunicação. Assim, o exílio de que fala o jornal inglês é novo também porque se reproduz técnica e simbolicamente a partir de plataformas de comunicação, uma

vez que suas imagens e narrativas podem ser acessadas a partir de redes sociais digitais, ou plataformas de vídeo, sendo facilmente compartilhadas ou capazes de pautar a agenda pública através dos veículos tradicionais de comunicação, seja no Brasil, seja no exterior.

### 3. O duplo da narrativa do novo exílio

Proponho uma delimitação da “narrativa do novo exílio” a partir de uma dupla perspectiva. Primeiro, considerando aquilo que é próprio ao discurso – a memória e o efeito de sentido. Segundo, assumindo o que é próprio da comunicação digital – a tática e a visibilidade. No primeiro campo, temos o acontecimento sócio-histórico que forma as contingências específicas do cenário político no Brasil em 2019, hostis a posicionamentos mais progressistas como os que os quatro personagens apresentavam. Ao mesmo tempo, há o registro da memória do exílio durante a ditadura militar, uma produção que é atravessada pela experiência privada. É essa contingência que se liga à regulação da constituição do novo exílio: quem pode/deve falar sobre ele, o que pode/deve ser dito e o que é interdito.

Assumir o discursivo é, portanto, compreender o que está em funcionamento para a produção de sentidos, que são sempre contingentes. Como explica Eni Orlandi (2003) todo dizer se constitui de um já-dito, de algo que o antecede e dá sentido, indicando um interdiscurso. Assim, o interdiscurso “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (p. 31). A observação da narrativa do “novo exílio” pelo interdiscurso permite a identificação de uma memória, que pode ser identificada pela sua historicidade e pelos compromissos políticos e ideológicos que assume. Nesse caso, o sentido do novo atribuído à experiência de exílio das quatro personagens não é nem a repetição de um tipo de desterro que já se deu antes, nem tampouco outra coisa que lhe é totalmente estranha. Essa experiência e sua narrativa apresentam uma especificidade que lhe é única e de certa forma ambígua: (1) precisa ser justificada, pois não se dá num contexto de supressão democrática; (2) demanda presença mesmo que a distância e (3) reivindica outras formas de visibilidade para além das formas tradicionalmente atribuídas ao exilado (como políticos e intelectuais).

No segundo campo, é preciso reconhecer o que há de prática de ativismo transnacional na atuação desterritorializada, e de táticas de reivindicação de visibilidade. Assim, para inscrever-se na (e escrever a) narrativa do “novo exílio” é necessária uma competência comunicativa típica da organização em rede, que se revela menos pela estratégia

e mais pela ação tática. Para ilustrar essa distinção, recorro à Michael de Certeau (1994), que estabelece a oposição entre estratégia e tática. Segundo ele, a organização hegemônica do poder é sempre estratégica, voltada para ações como o cálculo e a produção do próprio, numa relação com a exterioridade (o inimigo, o alvo, o outro). A ação tática é, para Certeau, a “arte do fraco” construída a partir de um repertório de astuciosas intervenções: a palavra espirituosa, o chiste, os duplos sentidos, os deslocamentos e aliteraões. Assim, explorar a narrativa do novo exílio é ter em conta a produção astuciosa “que não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (Certeau, 1994, p. 39). É particularmente interessante perceber como o tático de Certeau encontra guarida no que Bennet e Sergerberg (2012) postulam sobre ação conectiva, o que imprime à narrativa do novo exílio uma densidade que atrela à própria experiência do exílio (nova, diferente e ao mesmo tempo vinculada a uma memória histórica) uma reivindicação de visibilidade e reconhecimento.

Nessa lógica tática-conectiva, a narrativa do novo exílio se dá enquanto possibilidade de pensar a experiência do desterro nas brechas da memória estratégica/hegemônica do exílio (privada, fundada em simbiose com o retorno supostamente triunfante da anistia pós-ditadura) atravessando o que Appadurai (2004) chama de esferas públicas diaspóricas com histórias distintas, dispersas. Para o autor, é preciso levar em consideração a força das imagens (e da imaginação) para melhor apreender as diversas formas com as diásporas se constituem no mundo hoje. Assim, pode-se falar de diásporas de esperança, diásporas de terror e diásporas de desespero, porém “estas diásporas trazem a força da imaginação, como memória e como desejo, para as vidas de muita gente vulgar, para mitografias diferentes das disciplinas do mito e do ritual de tipo clássico”. (Appadurai, 2004, p.17). Essas esferas públicas diaspóricas se alimentam de uma dinâmica de “justaposição com o rápido fluxo de imagens, textos e sensações mediatizados” (p. 18). Esses espaços habilitam mais do que o compartilhamento de experiências individuais, e sim a afirmação de outras visibilidades que se confirmam/autorizam/legitimam no exílio, para além da clássica ideia do exilado que em sua terra natal era um político opositor a um regime autoritário. Se em Jean Wyllys e Márcia Tiburi tem-se as figuras típicas do exílio, políticos e intelectuais perseguidos por sua oposição ao poder constituído, a narrativa do novo exílio também abre espaço para que outras visibilidades se tornem possíveis nessas esferas públicas diaspóricas: seja a professora sem sala de aula (Débora Diniz), seja o exilado que não é político (Anderson França).

## Considerações finais: o novo exílio continua sendo exílio

Compreendendo que o exílio é uma prática estatal de repressão e controle recorrente na América Latina como um todo, é possível afirmar que os quatro personagens brasileiros apresentados na matéria do *The Guardian* estariam apenas assumindo um estatuto político suficientemente integrado ao imaginário político do subcontinente. O exilado, ao fim, não é nenhuma novidade propriamente dita. No entanto, se mais essa leva de desterrados é apresentada como uma nova geração, é preciso atenção à ambivalência que a expressão sugere. Essa é mais uma geração a deixar o país, numa mobilidade transnacional que faz parte do jogo político que “institucionaliza a exclusão” (Roniger, 2011, p. 50).

Mas como mostrou o trabalho de análise, essa é também uma geração que posiciona outros sentidos sobre a experiência do exílio. Busquei explicar esse fenômeno trabalhando com uma “narrativa do novo exílio” atravessada por dois espaços que se relacionam mutuamente: o discursivo, que (re)visita a memória de um certo exílio no país e o da comunicação digital e seus fluxos de visibilidade, ensejando um espaço público diaspórico de forte elemento midiaticizado. Demonstrei como a memória privatizada e controlada sobre a ditadura militar brasileira foi rediscursivizada na fala pública dos personagens. Justificativa do exílio e reivindicação de participação a distância formam uma retórica que insiste na afirmação de laços que não podem mais se dar em termos concretos e físicos, ou dentro do território nacional, mas se sustentam virtualmente, atravessando diásporas distintas.

É nesse aspecto que o “novo exílio” encontra guarida nos fluxos comunicacionais proporcionados pelas tecnologias de informação e comunicação. Conectados e constantemente atualizando seus feeds em suas redes sociais, essa nova geração de brasileiros expatriados se mostrou muito habilidosa e focada em registrar suas experiências de desterro e impressões sobre o Brasil visto de fora. Uma habilidade tática e conectiva, como argumentei, que fala muito sobre a posição antagonista que assumiram no contexto de suas carreiras quando no Brasil e que se reproduziu, mesmo em outras fronteiras.

Muitas perguntas podem ser feitas sobre a narrativa do novo exílio, sobretudo por que mais de quatro anos após a publicação da matéria no *The Guardian*, o agravamento da situação política, econômica e sanitária no Brasil durante os anos do governo Bolsonaro intensificou uma tendência de massificação do exílio (Roniger, 2010), que remonta a pelo menos o ano de 2016. Por outro lado, também se pode inferir que à medida que a esfera

pública diaspórica acomode cada vez mais narrativas dos novos outros exilados brasileiros, o entendimento sobre esse fenômeno específico (suas contingências e consequências) também se diversifiquem, ressaltando como a imigração de modo geral e o exílio, de forma mais específica, é um fenômeno complexo, que vê “o mundo inteiro como terra estrangeira” (Said, 2003, p. 59).

Um estudo longitudinal para acompanhar as movimentações desses novos exilados seria importante para compreender, inclusive, possíveis redes de solidariedade que possam emergir dessas relações. Além disso, é relevante pensar os movimentos de retorno, a construção discursiva da volta ao Brasil em seu interdiscurso com a experiência histórica da anistia que, como se viu, ganhou muito mais notoriedade e atenção pública. Sem dúvida, são questões pertinentes para a compreensão, numa perspectiva mais ampla, de como essa diáspora tão específica se deu (e ainda se dá) material e simbolicamente. Mas insisto que, num cenário em que se acirram as motivações sobretudo políticas para o trânsito global, é preciso atenção às reivindicações de legitimidade e visibilidade que cada vez mais sujeitos em exílio farão.

## REFERÊNCIAS

AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). **As Esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...)**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Parábola, 2004.

BENNETT, W. L.; SEGERBERG, A. The logic of connective action. *Information, Communication & Society*, v. 15, n. 5, p. 739-768, 2012.

BENNETT, W. Lance; SEGERBERG, Alexandra. **The logic of connective action: digital media and the personalization of contentious politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

BRAZIL INITIATIVE. **With rights under attack in Brazil, the Watson Institute’s Brazil Initiative convenes students, scholars and activists.**, 04 fev. 2019. Disponível em: <https://watson.brown.edu/brazil/news/profiles/2019/brazil-initiative-convenes-students-scholars-and-activists>. Acesso em: 25 jan. 2022.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COGO, Denise. A comunicação cidadã sob o enfoque do transnacional. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v. 33, nº 1, jan.-abr. 2010. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/148/141>. Acesso: 5 de Jan. de 2021.

DECLERCQ, Marie. **Jean Wyllys: o primeiro exilado do governo Bolsonaro**. Vice, 24 jan. 2019. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/a3bd7k/jean-wyllys-o-primeiro-exilado-do-governo-bolsonaro>. Acesso em: 01 jul. 2020.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FEIJÓ, Sara Duarte. “EM TEU NOME...” E “BATISMO DE SANGUE”: FORMAS CINEMATOGRAFICAS DE REPRESENTAR O EXÍLIO NA DITADURA BRASILEIRA. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 43, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/4431>. Acesso em: 25 jan. 2022.

LISBOA, Ana Paula. **Acadêmicos brasileiros se exilam por ameaças de morte**. Correio Braziliense, 13 mar. 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino\\_ensinosuperior/2020/03/13/interna-ensinosuperior-2019,834162/academicos-brasileiros-se-exilam-por-ameacas-de-morte.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino_ensinosuperior/2020/03/13/interna-ensinosuperior-2019,834162/academicos-brasileiros-se-exilam-por-ameacas-de-morte.shtml). Acesso em: 25 jul. 2020.

MARQUES, Teresa Cristina Schneider. O Exílio e as Transformações de Repertórios de Ação Coletiva: A Esquerda Brasileira no Chile e na França (1968-1978). **Revista Ciências Sociais**, v. 60, n. 1, jan-mar. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/001152582017120>. Acesso em: 30 set. 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Ler a Cidade: o Arquivo e a Memória**. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Para uma Enciclopédia da Cidade. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/ Unicamp, 2003, p. 07- 20.

PHILIPS, Dom. **New generation of political exiles leave Bolsonaro's Brazil 'to stay alive'**. The Guardian, 11 jul. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2019/jul/11/brazil-political-exiles-bolsonaro>. Acesso em: 15 jul. 2019.

ROLLEMBERG, Denise. **“Memórias no exílio, memórias do exílio”**. FERREIRA, Jorge; RONIGER, Luis e SZNAJDER, Mario. “Antecedentes Coloniales del Exilio Político y su Proyección en el Siglo XIX”. Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe, 2008, vol. 18, n o 2, pp. 31-51. Disponível em: <https://eialonline.org/index.php/eial>. Acesso em 10 Out 2020.

RONIGER, Luis. Exílio Massivo, Inclusão e Exclusão Política no Século XX. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, 2010, 53(1), 91-123. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/dados/a/KYj7Zt9X9BqqJLb6sJLgcYs>. Acesso em 20 Jul 2020.

RONIGER, Luis. **Reflexões sobre o exílio como tema de investigação: avanços teóricos e desafios**. In: QUADRAT, Samantha Viz. Caminhos cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

ROSSI, Marina. Debora Diniz: “**Não sou desterrada. Não sou refugiada. Qual é a minha condição?**”. El País Brasil, 17 jun. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/22/politica/1550871025\\_250666.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/22/politica/1550871025_250666.html). Acesso em: 20 jun. 2020.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. In E. Said, Reflexões sobre o exílio e outros ensaios (pp. 46-60). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Imagens precárias: inscrições tênues de violência ditatorial no Brasil. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n. 43, p. 13–34, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/ZDX6wY6tRqdxYk7Grcv6D9Q/abstract/?lang=pt>. Acesso em 20 Set 2020.

TODO TANTO. **Marcia Tiburi, Jean Wyllys e Debora Diniz falam sobre o exílio**, 20 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uFCjWx2jcMM>. Acesso em: 01 mai. 2020.

UZÊDA, André; COSTA, Flávio VM; CASTRO, Carol. **Quem Mandou Matar Marielle**. The Intercept Brasil, 23 jan. 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/01/23/quemmatoumarielle-ronnie-lessa-delatou-domingos-brazao-como-mandante-da-morte-de-marielle-franco/>. Acesso em: 24 jan. 2024.

## BIOGRAFIA DA AUTORA

### CAROLINA CAVALCANTI FALCÃO

Professora adjunta da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pós-doutora em Direitos Humanos pela mesma instituição.

*E-mail de contato: carolina.falcao@ufrpe.br*